ANNO II — Ovar, 15 de Setembro de 1910 — NUMERO 53

Regenerador Liberal

SEMANARIO MONARCHICO

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao "Regenerador Liberal„ — OVAR

COMPOSTO E IMPRESSO NA Typ. de José Fructuoso da Fonseca & Filho 72, Rua da Picaria, 74 — PORTO

DIRECTOR e PROPRIETARIO
Amadeu Peixoto Pinto Leite
SECRETARIO da REDACÇÃO
Manoel Maria Correia Vermelho

ASSIGNATURA
Em Ovar (anno). . . . . 1$000 reis
Com estampilha (anno) . . 1$200 »
Brazil e Colonias . . . . 1$500 »

PUBLICAÇÕES
No corpo do jornal, a 60 reis a linha, largura d'uma columna. Annuncios e communicados, 20 reis; repetições 10 reis. Annuncios permanentes, contracto especial.
Redacção e Administração
Largo de S. Miguel—OVAR

A lista da villa

III

Cá voltamos nós outra vez á *vacca fria* da lista pela villa. Muitos nos teem incriminado pelo facto de fazermos politica demais e não olharmos com o devido interesse para o bem ou o mal da nossa terra. A nossa orientação, apesar dos odios, malquerenças e injustiças que nos teem querido levantar deante do nosso caminho, tem sido, é e será de futuro, sempre pautada pelo interesse local da nossa villa, que amamos com todo o amor de filhos dedicados e com toda a paixão dos portuguezes que olham com sobresalto para o descalabro d'uma patria sem dignidade e d'uma villa sem filhos dedicados e estremecidos que sejam capazes de sacrificar um capricho ou uma hora de trabalho em nome da terra que lhe fôra berço.

Temos sido algumas vezes violentos no ataque, desassombrados na apreciação dos factos, independentes em extremo ao encarar a *fraldicagem* que acoberta as convicções politicas em Ovar; temos sido justos no meio das injustiças dos outros; temo-nos deixado ficar afastados das luctas pequeninas e das picuinhas de taberna e outras casas de *dictos frescos* em que os mandões nos teem feito a propaganda demolidora que teem podido. E no entanto, apesar de toda essa propaganda tenaz contra o nosso jornal, elle cá vae indo devagar, convicto da sua acção social a desempenhar de futuro em Ovar, esperançado no porvir e na libertação omnimoda da consciencia popular assoldadada ao senhorio rico que tem muitas terras, ao capitalista independente que lhe emprestou dinheiro a cinco, ao compadre amigo que sempre foi inimigo politico de fulano.

A lucta e a propaganda contra nós pode ser forte e audaciosa; mas contra essa audacia e fortaleza temos sómente a contrapôr a honestidade de principios que nos anima, o amor á nossa villa que nos faz esquecer os remoques dos malevolos e a esperança no futuro que nos ha-de compensar de todos os trabalhos, sacrificios e combates.

Não acceitamos combinações com ninguem, não nos sujeitamos ao imperio da mordaça politica que nos queria fazer mudar de rumo. Não esperamos nada da politica local, nada queremos de tal politica, ella nada nos pode offerecer. A' sombra do nosso jornal não queremos fazer o jogo de politico algum, não nos sujeitamos, em materia de politica local, ás imposições de *ninguem* nem de *alguem*, embora esse alguem esteja lá muito no alto, mesmo lá junto da Corôa.

Em Ovar trabalharemos incondicionalmente ao lado de todos, em companhia de todos, collaborando com todos aquelles que arremessarem a sua côr politica, espezinharem os seus odios politicos e quizerem trabalhar ao nosso lado pelo bem, pelo progresso e pelo desenvolvimento material, social e moral da nossa terra.

Mais uma vez repetimos, e repetimo-lo sem rebuços, com toda a sinceridade e com todo o desassombro: Não precisamos de politica em Ovar; precisamos d'homens honestos, vão-se elles recrutar ao bacharelato, á charrua ou ao balcão.

E' questão d'homens e questão d'honestidade.

Ultimos momentos

Parece-me que é caso unico na historia politica do nosso paiz o governo levar ao parlamento minoria, ou quando mesmo consiga levar 6 ou 8 deputados de maioria, não ser este facto prenuncio de victoria mas sim d'uma flagrantissima derrota eleitoral.

E' precisamente nestes casos que se encontra actualmente o ministerio presidido pelo Snr. Teixeira de Souza.

De nada valeram as violencias inqualificaveis, as fraudes commettidas em quasi todas as assembleias onde o governo via assegurada a maioria dos colligados, porque apesar de todos esses excessos violentos e de todos os arranques formidaveis d'um ministerio morto no conceito publico e muito especialmente nas votações do paiz á bocca da urna, a maioria é incontestavelmente do bloco, que de forma alguma, sem se espesinhar vergonhosamente a lei e o direito individual, que é sacratissimo, lhes pode ser tirada, embora para que o consigam se empreguem todos os meios até aqui esquecidos por se não poderem coadunar com o caracter serio e digno da maioria do povo portuguez.

Foi indubitavelmente um verdadeiro desastre para o governo a resposta altiva e condigna dos votos da colligação que demonstraram eloquentemente que a força, a alma essencialmente monarchica, está ao seu lado sem trepidações ou fraquezas, mas disposta apenas dentro d'um legitimo direito a fazer valer esses seus direitos, e a que lhes seja feita justiça, e dada a devida reparação.

Os jornaes governamentaes atiram para as suas columnas com uma maioria de 30 a 40 deputados e cantam victoria por este facto.

Eu não admiro que assim façam propalar, o que me admira é a cara com que se tem de apresentar quando a verdade resaltar d'uma maneira evidente e insophismavel aos olhos de toda a nação.

São palavriados com que já se não illude ninguem.

Lembra até aquelle caso d'um cidadão qualquer que, respondendo frequentemente por crimes diversos, deitava sempre foguetes, muito embora fosse condemnado: e dizia elle então que o fazia porque arreliava e obrigava andar afflictos os seus adversarios, principalmente durante 2, 4 ou 6 dias até que a verdade viesse a publico.

E' pois precisamente o que acontece com o ministerio do Snr. Teixeira de Souza; vae nos seus jornaes illudindo o publico com uma mai ria sophismada e engendrada não sei de que maneira e porque forma, até que muito brevemente tenha de confessar perante a opinião publica que essa maioria não existe e foi apenas uns dias de somnolencia, enlevado num sonho delicioso, mas que voltando á realidade dos factos e dos numeros, nada tinha de positivo, mas unicamente de uma amargura constante, e persistente inquietação que não poderá esconder porque a eloquencia dos numeros não tem contestação possivel.

A maioria na Guarda é assegurada para nós por milhares de votos; em Braga, Castello Branco e Leiria está tambem a maioria assegurada ao bloco, mas se os processos empregados pelos governamentaes derem supposta e sophismada maioria para o governo, é porque as chapelladas e as fraudes foram o elemento acceitavel por menos escrupulosos para uma victoria que não existe, e então manda o decoro e o nosso brio patriotico que sejam annuladas onde se prove que os processos adoptados foram as fraudes e violencias, e sejam repetidas precisamente onde existam essas falcatruas que têm ultrapassado as raias da maior vergonha que jamais se viu e consentiu.

Não pode ser; é preciso uma satisfação completa da parte do governo e essa satisfação só poderá ser dada (muito embora tardiamente) abandonando as cadeiras do poder e voltando para o seu primitivo logar, d'onde nunca devia ter sahido, para não dar o espectaculo que hoje todos ahi contemplam com desolação pela falta de lealdade e sinceridade com que se está representando, que é a prova irrefragavel de que o ministerio, perdido irremediavelmente no conceito da nação, não olha a processos para conseguir os fins.

Felizmente para nós esta situação governativa está já nos momentos mais lancinantes, e nas horas mais proximas da sua morte sem esperanças de salvação possivel.

Tinha de ser assim; a prova está á vista, e o resultado final de toda esta serie de atropelos governativos será zero para o seu fim unico.

Terá de cahir.

Pombal-8-9-910.

J. d'A. Pessôa.

Deputados regeneradores-liberaes

Damos hoje a lista dos candidatos regeneradores-liberaes, que foram proclamados deputados nas assembléas de apuramento dos circulos:

José Torres (Vianna do Castello).
José da Cunha Rolla Pereira (Porto, Oriental).
Dr. Annibal d'Andrade Soares (Porto, Occidental).
Dr. Pedro Mousinho de Mascarenhas Galvão (Aveiro).
Conselheiro Fernando Martins de Carvalho (Arganil).
Conselheiro Antonio José Teixeira d'Abreu (Vizeu).
João Baptista Ferreira (Lamego).
Dr. José Maria Joaquim Tavares (Castello Branco).

Além d'estes, devem egualmente vir á camara, pelo menos, os candidatos de Braga, Guarda, Leiria e Faro, onde as eleições estão incontestavelmente nullas, possuindo ali a Colligação enormes maiorias.

Estio...

Em plena epoca de colheitas. A ceifa do milho não póde ser mais animadora. O lavrador exulta. As terras altas, chamadas temporãs, desfazem-se em milho.

Já reina um tudo-nada d'alegria no lar do pobre, tão desafeito d'estas celestiaes claridades d'alma. O mar tambem vai dando pão que farte ao desventurado pescador.

As rêdes da nossa costa teem apanhado bella e abundante sardinha.

No mar e na terra ha perspectivas d'um anno abundante.

Oxalá que esta esperança não seja frustrada!

Discurso do sr. conselheiro Martins de Carvalho

(Continuado do n.º 52)

A dictadura

Perante a definição de uma politica monarchica, que o paiz e o nosso partido modestamente reclamam da monarchia, occorre perguntar se ella constitue precisamente uma politica conservadora.

E' conservadora no sentido em que se póde chamar assim á politica de defeza das instituições na França republicana. E' conservadora, no sentido em que se póde chamar assim a uma politica, que, em vez de importar do estrangeiro radicalismos destinados a não passar do papel para os factos, trate de dar realidade e vida ao constitucionalismo que temos, e que em grande parte não chegou a sair da letra morta dos textos legaes. Foi este o pensamento do conselheiro João Franco: é este ainda o pensamento politico do nosso partido.

Mas não é uma politica de violencias e de perseguições, que se reclama. Não é qualquer dictadura militar ou civil, que se impõe como um ideal. Dictaduras, nem se procuram por systema, nem se exercem com prazer. São impostas pelas circumstancias, e são legitimas nos limites em que correspondem ás necessidades publicas.

Foi imposta pelas circumstancias a dictadura do conselheiro João Franco. Por isso a fez; não a procurou como objectivo, não a exerceu com prazer.

E bem se comprehende que assim fosse. Ninguem fez uma tentativa, nem mais sincera, nem mais persistente, que a realisada por João Franco para governar com o parlamento e obter d'elle a collaboração necessaria para se levar a cabo uma fecunda revolução de cima, absolutamente indispensavel para se evitar uma desorganisadora revolução de baixo.

E que prazer podia ter em se afastar do parlamento quem era o nosso maior parlamentar, o mais suggestivo e poderoso dos nossos oradores politicos?... E com que prazer podiam recorrer á dictadura os seus companheiros do ministerio, a nenhum dos quaes intimidavam os debates parlamentares?

Se João Franco e os seus companheiros preferissem o seu conforto e a satisfação das suas vaidades por vie de faceis successos parlamentares, aos supremos interesses da administração publica, nunca teriam lançado mão da dictadura. Recorreram á dictadura, porque a isso foram obrigados por um obstinado obstruccionismo politico e pela sementeira de anarchia, que se começára a fazer no paiz a pretexto da questão academica, futil na sua origem, mas pertinazmente soprada e alimentada pelas opposições, que corresponderam d'este modo á politica amplamente liberal e parlamentar, que o governo havia feito com um rasgo e um desassombro sem precedentes na nossa historia politica.

Recorreram á dictadura, não porque isso lhes podésse agradar, mas porque n'esse caminho foram lançados por uma tactica, que encontrou a sua formula, logo que João Franco subiu ao poder e iniciou uma politica rasgadamente liberal, n'uma phrase que convem não esquecer:— *Havemos de leval-o ás transigencias, que rebaixam, ou ás violencias, que compromettem.*

De resto esta é a politica constante do partido republicano, que tanto sabe embotado o senso moral de grande parte do paiz, que ousa confessal-a, como se se tratasse de um acto de civismo. Assim ainda ha pouco disse o sr. Antonio José de Almeida n'uma sessão politica: «Crê que se os republicanos tiverem uma minoria de dez deputados, as camaras nunca mais poderão funccionar regularmente, o que obrigará o governo a fazer dictadura, o que, por sua vez, provocará inevitavelmente a revolução».

Confessa-se isto! Confessa-se o proposito de forçar o governo á dictadura, e assim se obter um pretexto para se tentar pôr o paiz a ferro e a fogo, — um pretexto para se distribuirem como em 28 de janeiro umas centenas ou milhares de bombas explosivas no intuito de se provocar uma chacina em condições de ferocidade e estupidez moral absolutamente inditas. Confessa-se perante o paiz e perante a civilisação — que o partido republicano está prompto a fazer surgir a dictadura, isto é a fazer o mal para fazer seguidamente a caramunha. E a caramunha seria na hypothese nem mais nem menos que uma revolta que deveria implicar uma chacina sem exemplo.

No que se ameaça para o futuro, teem todos a explicação e a confissão completa em relação ao passado. A dictadura foi forçada pelos inimigos do governo e por todos aquelles interesses inconfessaveis que a rehabilitação moral e administrativa do paiz podia e devia affectar. Ella não podia ter sido procurada como objectivo por quem entre nós fez o ensaio mais completo e sincero do regimen liberal e representativo. Não podia ter sido exercida com prazer por quem se sentia naturalmente bem no parlamento, onde facilmente triumphava de todos os adversarios.

O que se fez contra o governo de 1907, póde ámanhã fazer-se contra qualquer outro governo. O partido republicano tem expressamente declarado o seu proposito de forçar os governos da monarchia a recorrerem á dictadura. Está isso na logica da sua attitude, pois sempre tem mostrado estar disposto a tudo sacrificar — a tranquillidade do paiz, a economia social, as finanças publicas — á satisfação de sediciosas ambições pessoaes. Ainda ha pouco tempo um republicano conhecido celebrava os *beneficios* indirectos que a revolta de 31 de janeiro tivera, determinando uma situação de bancarrota. Estão sempre dispostos a provocar corridas aos estabelecimentos de credito, como a alarmar os crédores externos e aggravar assim o nosso orçamento com uma elevação de taxa de juro, ou a evitar a consolidação d'essa divida, que nos subtrahiria a uma pressão violenta de finança internacional.

Por uma probabilidade de obterem o mando, com o seu culto externo ou as suas vantagens materiaes, não hesitariam em fazer uma fogueira de toda a nossa historia, do nosso dominio colonial, da nossa economia nacional, e até da propria autonomia da patria.

Poriam todo o paiz a ferro e a fogo para crear para si uma vantagem individual e abençoariam a guerra civil que lh'a garantisse. O seu patriotismo é mais perfeito que a caridade de uma formula proverbial: é um patriotismo bem entendido, que começa por elles mesmo e n'elles mesmo acaba. Para uns são as vaidades do mando, para ou-

tros são os seus interesses materiaes, é o orçamento geral do Estado — a Terra da Promissão e a encarnação da Patria. *Ubi bene, ibi patria:* a patria só existe onde e quando as coisas lhes correm de feição.

(Continúa).

Conferencia de S. Vicente de Paulo

Recebemos a seguinte carta, que gostosamente publicamos:

«Lisboa 26 de agosto de 1910.

Snr. Redactor:

Li ha dias no *Regenerador Liberal* que ainda não puzeram de parte a ideia do *Lactario* em tempos apresentada nas columnas d'esse jornal em artigo que tambem li transcripto n'um diario d'esta capital.

A ideia era nobre, como nobres são todas as ideias que servem para despertar sentimentos de caridade e humanidade, principalmente hoje em que é feroz a lucta egoista entre todas as classes.

Eu, como não podia deixar de o fazer, sympathisei logo com a ideia, acolhi com alvoroço o alvitre apresentado por esse jornal em favor dos infelizes e dos infelizes que logo ao entrar na vida deparam com a falta de todos os regalos e de todos os carinhos da fortuna e da abastança.

Não sei bem se Ovar não estará em circunstancias de prescindir d'essa obra de caridade infantil, em beneficio dos pobres velhos que, passando uma vida cheia de attribulações, necessidades e nudez, teem de arrostar na velhice com o enxame de todos os achaques, privações e desconsolos que assaltam o homem no ultimo quartel da vida.

Sem querer ir levar o desalento á ideia do *Lactario*, sr. Redactor, venho hoje lembrar-lhe uma ideia nova que certamente ainda não terá occorrido ahi por essa Redacção.

Tenho lido esse jornal com certo interesse e sympathia, por vêr a maneiro independente e altruista como encara as questões e pretende minorar a sorte dos desgraçados.

Vivo ha quinze annos em Lisboa e d'aqui mesmo fui capaz de introduzir ou melhor, de ajudar a introduzir na minha terra natal a Conferencia de S. Vicente de Paulo.

Não sabe, sr. Redactor, as luctas que tivemos que travar, os attrictos que houvemos que desfazer, para um dia chegarmos a ver de pé a melhor obra social que a Providencia pode fazer acclimatar n'uma terra pobre e populosa.

Não conheço Ovar senão de tradição e pelo conjuncto de predios que cercam a estação do caminho de ferro.

No entanto rara é a semana em que deixo de ler o seu *Regenerador* que um cunhado meu assigna.

Espero que não deixará de dizer alguma cousa sobre este meu alvitre, antes, conversão da ideia do *Lactario* na de *Conferencia de S. Vicente de Paulo.*

Se a direcção ou redacção d'esse periodico consentir n'esta alteração de ideal, espero que ha de acceitar-me alguns escriptos sobre a questão das *Conferencias,* que tratarei, nas bem redigidas paginas d'esse semanario, se não trouxer desdouro para o jornal a minha collaboração.

Peço me perdôe a massada d'esta carta e não conte com a minha collaboração e bôa vontade para outro assumpto que não seja a Obra das Conferencias de S. Vicente de Paulo.

De V., etc.
Jayme L. Souto-Mayor.»

—

O caso é biccudo um pouco; mas esperamos chegar a um accordo. No entanto achamos a ideia da Conferencia, se bem que de mais alto alcance, de mais difficil realisação, attentas as difficuldades pecuniarias que acarreta. Quer-nos parecer que o *Lactario* seria de mais facil realisação e de acclimatação mais garantida.

«Como da discussão nasce a luz, queira o sr. Souto-Mayor honrar nos com a sua collaboração, na certeza que optaremos pelo que de mais util e proveitoso fôr para a pobreza da nossa terra. Quanto ao desdouro, estamos a ver que será para nós uma glória, se é que pela aragem se vê quem vae na carruagem.»

Musica Ovarense

Tem ido tocar aos domingos a Espinho, esta conceituada banda, de que é regente o sr. Benjamim Nabia. E' uma das philarmonicas mais conceituadas do districto e digna de apreço. No proximo domingo lá volta outra vez áquella praia.

QUESTÃO MORTA

Minuta locuta, causa finita

A minuta do sr. Dr. Pedro Chaves, com todos os documentos devidamente assignados, etc., teve o condão de pôr termo á questão da *Beneficencia.* E' caso para grossas congratulações da parte de gregos e troianos.

Nós, usando da legitima e justa liberdade de critica, critica benevola e necessaria, fizémos aqui, nas columnas d'este semanario, ligeiras reflexões bem cabidas á attitude d'alguns membros da Commissão escolar.

Como conheciamos pelos antecedentes a susceptibilidade irrefrangivel d'alguns magnates vareiros, limpidos como espelhos de Veneza, sobre os quaes não pode pousar o bafejo d'uma advertencia justa, calámo-nos deante dos factos tristes e desastrados, succedidos no dia 31 de julho á porta do theatro, por occasião da festa escolar.

Deante do nosso mutismo condescendente espalhou-se por essa villa fóra a noticia d'outro caso em que se ferira e achincalhara a pretenção d'um socio benemerito recusando-se-lhe seis cadeiras para a mesma recita do dia 31.

Nós fizemos ouvidos de mercador e nada dissemos, deixando a apreciação dos factos ao commentario do publico.

Tudo isto andava no ar e no ar o deixamos andar, até que no dia 7 rebentou na redacção a carta que se segue e que causticava justamente o nosso modo de proceder, deixando ao abandono a apreciação dos factos.

A carta, anonyma como é, não tinha para nós o valor que lhe teem querido dar para ahi. No entanto, como essa carta relatava verdades, verdades conhecidas e havidas como taes, e como um jornal que se preza de fazer justiça aos ricos e aos pobres e não faz distincção de classes no campo da dignidade, mereceu-nos a mesma confiança como se viesse assignada por uma pessoa de reputada seriedade.

Já não era uma questão de auctor de carta, era uma questão do dominio publico, uma questão de dignidades offendidas, uma questão de verdade e de justiça.

Essa carta quizemol-a occultar ás vistas do publico escurecendo o caso lamentavel da noite de 31 de julho. E para isso ferimos a nota n'uma local do *Regenerador* (n.º 48, de 11 de agosto) n'estes termos, sem azedume nem ortigas:

«Beneficencia...

«Temos em nosso poder uma carta d'um socio benemerito da Beneficencia Escolar, queixando-se do modo nada agradavel como elle e outros fôram tratados por occasião da festa das creanças.

Não a publicamos para não aggravar situações. Podemos porém garantir que pessôa digna de todo o respeito e consideração, a quem a Beneficencia muito deve, tendo tenção de crear um premio para o alumno das escolas que mais se distinguisse em cada anno, desistiu do seu proposito por ver como as coisas correram por occasião da referida festa.

E' preciso que se olhe um pouco-chinho mais aos socios benemeritos. Pouco importa barrar as paredes das escolas com seus nomes, se depois se desconsideram na primeira occasião, muito principalmente quando se trata de festivaes em que entram as creanças que elles protegem e ás quaes—por convite especial da Commissão — deviam assistir, podendo.»

Ora esta local não era uma cousa por ahi alem. Não se melindrava a Commissão, embora d'um membro seu, um socio benemerito tivesse recebido,em resposta ao pedido de 6 cadeiras, uma outra um pouco crua e...

Todos estes factos são demais conhecidos do publico, para que uma *minuta,* arranjada com todos os matadores, os pretenda rebater.

A carta a que nos reportamos e que tanto escarcéu levou a levantar, ahi vae para tranquillidade dos espiritos sobresaltados:

«Ovar 6 de agosto de 1910.
Snr. Redactor.

Desde domingo que esperei o seu jornal, a ver o que diria do lamentavel caso que se dera no theatro, na noite de 31 de julho.

Se o auctor do facto fosse um pobre, a imprensa local não se esqueceria de o contar, mas como não foi, calou-se.

Pois era bem que Vossa Senhoria abrisse excepção para fazer justiça a todos.

Informe-se da maneira brusca e nada attenciosa como um cavalheiro da commissão despediu alguns individuos que haviam entrado para o atrio do theatro. Isto só em Ovar ou na Africa.

Eu pela minha parte, como socio fundador benemerito, sinto-me desgostoso com estes casos, que tambem a mim disseram respeito.

Informe-se sr. redactor e falle.

E já que estou com as mãos na massa, queira tirar inculcas doutros casos que já deram desgostos a alguns socios.

A commissão com isto nada perde, mas perdem as creanças que acabam de ser privadas d'um premio annual que lhe ia ser destinado.

Informe-se tambem disto e falle, porque se fosse lá fóra isto não passava assim.

A imprensa nunca se deve esquecer d'advogar a causa dos opprimidos e pequenos.

Queira desculpar o atrevimento e a lembrança d'um

Socio fundador benemerito.

Esta carta não tem a importancia que lhe quizeram dar. Pois bem. Se não tem importancia pela falta de assignatura, relata factos tão verdadeiros, apresenta commentarios tão justos que se lhe não pode negar valor e auctoridade pela sua veracidade rude.

Esses factos e esses commentarios deixamos nós no olvido, simplesmente para não trazer para a praça publica o nome d'uma pessoa que pessoalmente nos tem merecido e merece toda a consideração. Por isso mesmo, furtando-nos a esse desgosto escrevemos aqui em 1 de setembro (n.º 51) estas palavras:

«Em resposta

Aos communicados, que hoje inserimos, julgamos prudente não publicar a carta em questão, porque esta alem do caso do theatro, envolve outros factos que nos abstivemos de relatar na occasião propria, para não crear attrictos á Beneficencia, limitando-nos então a dirigir á respectiva Commissão um aviso amigo, ou, se quizerem, uma observação justa.»

Procedemos assim, porque entendemos ser este o melhor meio de pôr agua na fervura. Não o quiz assim o Sr. Dr. Pedro Chaves e veio com a *minuta,* processo ou cousa que o valha, levantar poeira sobre a *Carta do Benemerito.*

Mas essa poeira emquanto empoeirava o auctor da tal carta, desempoeirava os factos, mais lamentaveis que a carta e muito commentados pelo publico.

A *minuta* teve artes para trazer todos os socios benemeritos a mostrarem-se benevolos, doces e amaveis perante a Commissão. Muito bem.

A Commissão (entendemol-o assim e sem *hypocrisias,* saibam-no todos) tem administrado com desinteresse e dedicação os fundos da Beneficencia.

Ninguem pode negar este facto. Valha a justiça e a verdade.

O que não percebemos é como, estando prestes a crear-se um premio annual e premio valioso, por signal, esse premio ficasse na tinta e a vontade do instituidor se affrouxasse!

O que não sabemos nem podemos explicar é como esse nobre moço que tem andado lá por fóra na conquista honrada d'uma aurea fortuna, tendo tenção de crear esse premio annual, fallando d'elle com carinho, simplesmente para dar impulso á obra da Beneficencia, esteja agora a retrahir-se, melindrado, dizem, não sabemos com quem, nem porquê.

Esse benemerito que fôra obrigado a deixar a Beneficencia sem esse estimulo, não nos veio encommendar o sermão, não nos veio relatar factos azedos; é preciso que fique isto bem assente. Factos publicos e do conhecimento de toda a gente, são elles.

Muito nos surprehendeu aquella *obra de saneamento* sollicitada á *Patria* republicana, fallando de nós.

Tem razão o sr. Dr. Pedro Chaves. Damos a mão á palmatoria. Somos obrigados a reconhecer que o nosso silencio, em *casos preteritos,* tem sido um terrivel collaborador e agente de desmoralisação.

Mas... paciencia.

A' Central do Minho

D'esta conceituada fabrica de Seraria, Carpinteria e Marcenaria, recebemos uma tabella de preços, agradecemos e cuja leitura recommendamos aos nossos leitores. Pedidos para Villa Nova de Famalicão.

Entrevista com um portuguez recemchegado do Brasil

Com este titulo recortamos do nosso querido e presado collega — *Correio da Manhã* o decreto *teixeirista* em que nos põe, a nós os portuguezes em manifesta inferioridade em relação ao Brazil no que toca a instrucção, o que é uma injuria á nossa patria e uma injustiça flagrante que se faz aos nossos estabelecimentos scientificos.

Ahi ficam o *decreto real* e as palavras ponderadas do sr. José Fonseca, chegado ha pouco do Rio de Janeiro:

—

«O *Diario do Governo,* publicou hontem o seguite decreto:

«Desejando dar um publico testemunho da minha sympathia e deferencia para com a Nação Brazileira, dispensando os seus naturaes de formalidades que a outros estrangeiros são exigidas:

Tendo em vista a proposta do ministerio dos negocios estrangeiros e a informação favoravel da competente repartição da Direcção geral da Instrucção Secundaria Superior e Especial;

Conformando-me com o parecer da Secção Permanente do Conselho Superior de Instrucção Publica;

Hei por bem decretar o seguinte:

Os individuos habilitados com um curso secundario completo, feito nos estabelecimentos officiaes da Republica dos Estados Unidos do Brasil, são admittidos á matricula em todos os estabelecimentos de instrucção superior de Portugal, sem necessidade de fazer os tres exames do curso lyceal, a que se refere o artigo 31.º do decreto de 29 de agosto de 1905, nem os exames de que tratam os artigos 4.º e 5.º do regulamento de 28 de agosto de 1889.

O presidente do conselho de ministros, ministro e secretario de estado dos negocios do reino, assim o tenha entendido e faça executar. Paço, em 6 de setembro de 1910.

REI.—*Antonio Teixeira de Sousa.*

—

O nosso coração recebeu hontem a alegria de rever um querido e velho amigo, que os boléos da vida levaram ha bons quinze annos para esse remoto Brazil de onde o regresso surprehende sempre tanto como se se regressasse do outro mundo.

E' um velho condiscipulo e uma bondade sempre nova, que o talento destinára para as nobres evidencias das batalhas intellectuaes, e que a vida levou para um rumo muito differente.

De resto, o mesmo José Fonseca que os favores da fortuna não estragaram.

Os cabellos um pouco mais brancos, a alma um pouco mais turvada de desenganos.

—Estou velho! Tambem não é brinquedo. Cada dez annos de Brazil são trinta da Europa.

—Mas o Rio de Janeiro agora é uma cidade europeia, cheia de luz, de alegria, de avenidas, de salubridade, de conforto, não é verdade?

—E'. Materialmente, é. Moralmente...

—Moralmente...?

—Moralmente, não.

—Mas, então, brasileiros e portuguezes não são dois povos irmãos?

—Ah! não é dos brasileiros que nós os portuguezes nos queixamos. E' dos maus portuguezes que escolhem o Brasil para fazer, por politiquice, uma propaganda de descredito para Portugal.

—E o que faz o Ministro?

—O Ministro dizem que medita sobre as vantagens de não se saber a lingua portugueza, quando se é representante de Portugal.

—?!

—Eu faço justiça ao sr. conde de Selir: se elle entendesse o que os inimigos do Regimen e portanto de Portugal por lá andam a dizer de tudo e de todos, decerto faria pelo menos o que agora disse a um jornalista francez o nosso ministro em Paris. Allegar que não ouve, que não lê, que não sabe, isso não o póde fazer o sr. conde de Selir. A unica desculpa, a unica razão admissivel é não entender a lingua portugueza.

—Que me diz vossê ao decreto que admitte nas escolas superiores portuguezas os estudantes brazileiros que tenham feito os preparatorios do ensino secundario no Brasil?

—Digo-lhe que é simplesmente lamentavel, que um ministro do Reino nos colloque assim n'esta confessa e inconfessa inferioridade. Que essa concessão se fizesse com reciprocidade, sim, senhor, admittia-se, e olhe que já não era pequena cortezia para com as escolas brazileiras. Agora concedermos, nós, antiga metropole, o paiz que tem a Universidade de Coimbra, o que o Brasil nega aos nossos estudantes? Só n'este periodo de desorientação! Lembrar-me eu que um rapaz que me foi recommendado e que já levava alguns exames de curso superior, para se matricular numa escola superior do Brasil até exame de historia e geographia do Brasil teve de fazer, elle que apresentava certidão do exame de historia universal, — e que agora nós abrimos as nossas escolas sem o cuidado de lhes garantirmos o seu prestigio com a reciprocidade assegurada por força de lei contractual no Brasil, é desanimador! Sabe? eu acho que os Gymnasios brasileiros teem esplendidos cursos secundarios e que os estudantes sahidos dos seus bancos podem perfeitamente apresentar-se nas nossas escolas. Mas o que eu não posso levar a bem é que os lyceus brasileiros tenham prerogativas de que os lyceus de Lisboa, de Coimbra, do Porto não gosam».

E' assim que se trabalha pelo bom nome de Portugal! Nem ao menos se *concertar* um contracto bi-lateral entre os dois paizes, em que houvesse correspondencia mutua de interesses!

Mais um decreto pateta a glorificar o sr. Teixeira.

BOCADITOS de HISTORIA MODERNA

O imperador d'Allemanha esculpturado pela natureza

Lê-se na revista *Le Nouvelliste de Hambourg* que um allemão, vivendo no Brasil, acaba de fazer uma extranha descoberta. Trata-se, nem mais nem menos, que d'um enorme bloco de pedra «que reproduz nitidamente os traços do imperador Guilherme! Segundo as testemunhas que viram o bloco-imperador, ajunta a revista hamburgueza, a expressão, a exactidão de traços, graças a uma photographia, são d'uma semelhança verdadeiramente pasmosa! Não falta ao Guilherme-rocha o afiambrado do bigode, que parece esculpido no bloco providencialmente para os nossos dias de bigodes á *Keiser.*

O rochedo em questão mede 200 metros d'altura. Como o conjuncto é damnificado pela presença d'outros rochedos, o fiel amigo do imperador Guilherme acaba de despender uma enorme quantia na compra dos terrenos circumvisinhos para desalibertar o local dos outros rochedos subalternos.

CONTOS DA SEMANA

O mau rico e o pobre pastor

Duas almas foram citadas para comparecerem no tribunal divino.

Uma d'ellas tinha habitado o corpo de um homem rico de dinheiro, mas pobrissimo de boas obras; a outra tinha animado a existencia de um joven pastor, o qual tão manso, humilde, paciente e inoffensivo era, que o tinham cognominado — o *Innocente*.

Quando a alma do rico se adiantoú á presença do tremendo Juiz, o o seu Anjo baixou os olhos e se conservou perto d'elle com o rosto inundado de lagrimas, entretanto que outro enviado da côrte celeste animava o filho dos campos, a quem Lazaro chamou seu irmão.

— Amaste os teus semelhantes? perguntou o Divino Salvador á alma do rico.

— Procurei sempre aquelles que por sua posição andavam a par commigo, respondeu a alma.

— Vestiste os pobres que tremiam de frio no inverno.

— Nunca os vi...

— Defendeste a herança da viuva e do orphão contra as vexações de avarentos e infames especuladores?

— Os juizes marcaram os limites das minhas terras, e decidiram todas as causas a meu favor, segundo as minhas pretenções.

— Que tendes a dizer em defeza da alma que vos foi confiada? perguntou o Juiz supremo ao Anjo da Guarda.

— Que Vós, Senhor, enviastes o Vosso Unigenito Filho á terra para remir e salvar os peccadores, respondeu o Anjo; — eu peço pois a effusão da Vossa misericordia para apagar os effeitos da Vossa colera...

O Senhor fez um signal.

A alma do pastor se adiantou.

Esta alma tão doce, simples e ingenua se abrigava sob as azas do seu guia, e com os seus gestos e modos pedia misericordia.

E o olhar terrivel do Juiz tremendo tornou-se dôce e terno, e com uma voz suavissima e animadora lhe disse:

— Os teus dias foram maus. Muitas vezes te faltou um tecto para te recolheres de noite e abrigares do frio:

— Os passarinhos, respondeu o pastor, teem os seus ninhos nas arvores, e a sombra dos carvalhos é vasta.

— O teu pão era duro, grosseiro e negro.

— Quando Jesus Christo não tinha pão nem peixes, entrava em um campo, tomava algumas espigas, e as quebrava nas suas mãos... E assim fazia eu imitando ainda as aves do Céo.

— Tu não tinhas roupa para cobrires o teu corpo emmagrecido pela miseria, e caminhavas descalço.

— Os lyrios do campo não fiam... Os passarinhos não tecem a sua macia plumagem; e eu, descalço, chegava tão depressa á capella, que era o primeiro a tomar agua benta.

— Invejaste ou quizeste mal aos que eram mais ricos?

— Os maus ricos são dignos de compaixão, por não arder nos seus corações a santa chamma da caridade. Eu sou o *innocente* e passei a minha vida nos campos a levantar as florinhas cahidas, e a collocar nos seus ninhos os filhotes que d'elles cahiam. Despresado dos rapazes da aldeia, nunca recebi outros ensinos senão os de minha mãe e os de uma voz interior que me dizia: «Quanto mais humilde fôres mais amado serás do Pae celeste». Minha mãe, que agora triumpha na Vossa Gloria, foi expulsa da cabana em que habitavamos... Era uma noite de Natal! Era a festa dos pobres, dos mendigos e dos desherdados... Minha mãe me tomou pela mão e me conduziu á egreja da aldeia. O Menino Jesus de cera, vestido de setim branco e deitado em pobres palhinhas, se sorria e abria os bracinhos para abençoar. Minha mãe me disse: «Eis o teu irmão!»

No dia seguinte me disseram que minha mãe tinha vindo para o Céo, e eu perguntei o caminho e vim tambem...

— Obedeceste á voz de tua mãe? lhe tornou o Senhor lançando ao Anjo da Guarda do menino um olhar ineffavel.

— Uma noite de inverno, continuou o orphão, fazia muito frio, e accendi uma fogueira para aquecer os meus membros entorpecidos. Um homem coberto de farrapos passou por mim, dizendo quasi alegre: «Fogo! Fogo!» E assentou-se em uma pedra defronte de mim, comeu o meu pão, bebeu na minha cabaça, e seguiu o seu caminho.

— Pobre innocente! disse o Senhor; — sendo fraco tiveste compaixão dos fracos, e sendo pobre déste esmola! Vem! O Céo é para ti e para os que te assimilham...

— E aquelle, Senhor, para onde vae? perguntou o pastor com voz doce, designando o mau rico.

— Vae para onde estão Balthazar, Sardanapalo e o mau rico que negou a Lazaro as migalhas que cahiam da sua meza.

— Oh! Se é preciso que eu comece as minhas provações na terra para alcançar o Céo para aquelle que Vós, Senhor, de lá expulsaes, eu o farei com alegria... Graça para o rico, ó Cordeiro da Immolação... Graça em nome do Presepio de Belem, da Gruta do Egypto... Eu me submetto á Vossa justiça para a desarmar em seu favor.

O amor não podia attender a esta sublime oração, porque a balança da justiça pendia do lado dos castigos eternos... Mas um novo resplendor brilhou sobre o pequeno pastor.

O seu Anjo da Guarda o tomou nos braços e o conduziu á sua mãe, que cantou o *Hosana* sob as palmeiras da Jerusalem celeste.

No mesmo instante as trevas exteriores se entreabriram, e ouviu-se o som da queda do mau rico nos profundos abysmos.

FIM

BOLETIM ELEGANTE

Retirou para Melgaço o ex.mo sr. Dr. Alberto d'Oliveira e Cunha, dignissimo abbade da freguezia d'Ovar. Estimamos que s. ex.a encontre naquella estancia as appetecidas melhoras de seus padecimentos.

—Completou dous annos em 13 do corrente a galante menina Maria Olga, filhinha extremecida do sr. Manoel Maria Rodrigues Brandão e netinha adorada da sr.a D. Maria Calma, a quem endereçamos cordiaes felicitações.

—Nesse mesmo dia fez tambem annos o sr. Arthur Lopes da Silva. Parabens.

—Depois d'amanhã, 17, passa o anniversario do sr. Francisco Lopes da Silva. Os nossos cumprimentos.

—Na semana passada foi conferido o sacramento do Baptismo a uma filhinha recem-nascida do nosso bom amigo sr. João Bernardino d'Oliveira Gomes. A neophita recebeu o nome de Clara.

—Acha-se completamente restabelecido o sr. José da Silva Ribeiro.

—Tem passado bastante encommodado com um ataque de *gripe* o sr. Antonio Guterres d'Oliveira Santos. Desejamos-lhe promptas melhoras.

—Foi pedida em casamento pelo ex.mo sr. Dr. João Evangelista, lente da Academia Portuense, a ex.ma sr.a D. Venina Santos.

—Está para breve o enlace matrimonial do ex.mo sr. Gabriel Santos com a intelligente e virtuosa senhorinha, D. Judice Goldegel Alves da Cruz.

—Passa hoje o anniversario do sr. Carmindo Lamy, a quem felicitamos.

—Estão no Fundouro os srs. Drs. Lopes, Sobreira e Joaquim d'Oliveira e Cunha, irmão do ex.mo abbade d'Ovar, e os srs. Antonio Valente Compadre, Frederico Abragão, Eduardo Ferraz. Carlos Ferreira Malaquias, Manuel Henrique Ramos, Antonio Lopes Fidalgo, João Coelho, D. Benedicta Silva, José da Silva Ribeiro e familia, etc.

—Baptisou-se na parochial d'Ovar uma filhinha do snr. Antonio da Silva Brandão Junior, a quem foi dado o nome de Maria da Conceição.

—Retirou de S. Vicente, onde estivera de visita ao Padre Fonseca e Pinho, o sr. Dr. João Evangelista, lente da Academia Polytechnica do Porto.

—Fez annos no dia 9 o sr. Antonio Vieira Leite, irmão dos nossos amigos Padre Manuel Vieira Leite, Fernando e José Vieira Leite.

Uma anecdota do principe Alberto da Prussia

O principe Alberto da Prussia foi ultimamente convidado para um jantar de honra dado pelo coronel do seu regimento. Quando se aproximava da habitação, n'uma alameda de arvores copadas onde era já grande a escuridão, uma criada veiu ter com elle, deu-lhe um beijo e entregou-lhe um pequeno embrulho, dizendo-lhe:

—Toma lá seis «sous» e um chouriço. Não posso sair esta noite, o patrão tem gente de fóra a jantar.

E depois de lhe dar um beijo repenicado desappareceu.

Perto da grade da casa, o principe viu um soldado da sua companhia que parecia esperar:

—O que é que fazes tu ahi?

—Estou á espera da minha noiva, meu principe.

—Onde está ella?

—E' criada de fóra em casa do nosso coronel, meu principe.

—Bem! bem! Aqui tens seis «sous» e um chouriço que a tua noiva me entregou para te dar. Ella não póde sair esta noite, porque o patrão tem visitas.

O pobre soldado parecia paralisado de medo.

O principe accrescentou amavelmente:

—Ella tambem me deu dois beijos para ti, mas eu penso que tu não esperas que eu t'os dê. Toma lá cinco marcos como compensação!!!

GRANDES ARMAZENS DA ESTAMPARIA DO BOLHÃO

Os maiores, os mais antigos, os que iniciaram o systhema de preço fixo, os que mais sortimento teem e os que mais barato vendem.

Sortimento completo de todos os artigos proprios para vestuario de senhora, homem e creança, uso de casa, perfumarias, brinquedos, moveis, automoveis, etc., etc.

Quem visitar a cidade do Porto, não deve deixar de vêr os nossos GRANDES ARMAZENS que occupam uma área de 3·000 metros quadrados, n'um só pavimento

328, Rua de Fernandes Thomaz, 348 — Porto

GRANDE HOTEL E CASINO DE ESPINHO

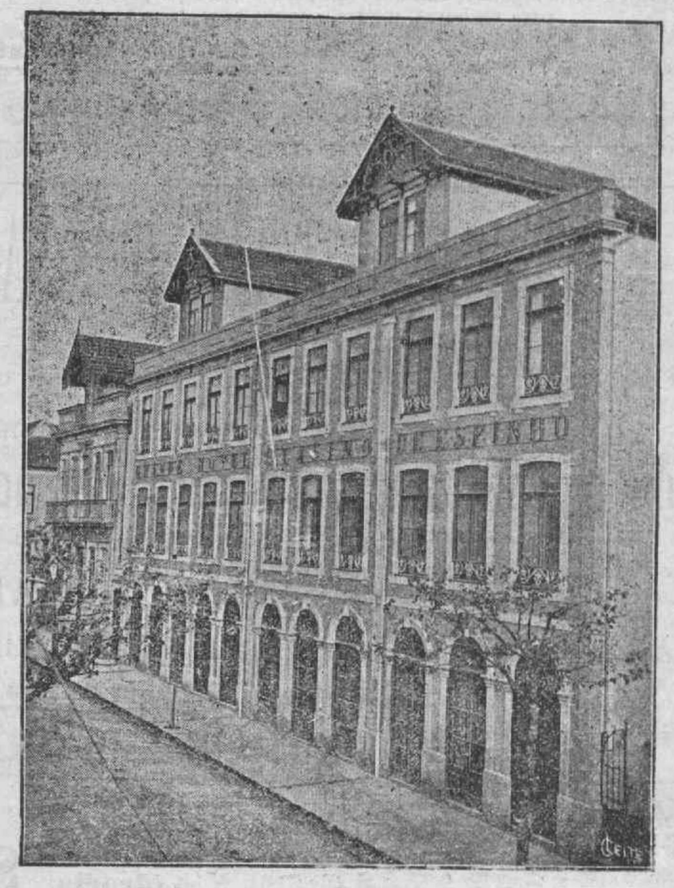
O unico hotel que nas praias de Portugal tem cozinha especial para o regimen dietetico Gerezíano

PARA TODAS AS INDICAÇÕES

No Gerez, **Hotel Ribeiro**

No Porto, **Hotel Bragança**

Entre-Paredes e **Bazar do Porto,** Santa Catharina, 16



Hotel de primeira ordem

Situado no melhor local **Aberto desde 1 de junho**

TODO O CONFORTO MODERNO

Correspondencia a RIBEIRO & IRMÃO — Telephone, 5

Endereço telegrphico, GRANDOTEL — ESPINHO

(22) FOLHETIM

JULIO DINIZ

AS PUPILLAS DO SENHOR REITOR

Chronica d'aldeia

— Sois todos muito bons para commigo. Mas que te hei de eu dizer? Que te diz o coração?

— Ora, o coração...

— O coração, sim. Por que não? Quando é bom, como é o teu, deve-se sempre ouvir; e... quer-me parecer que já o consultaste, antes de mim.

— Fallo a verdade: E' certo que já.

— E que te disse elle?

— Aconselha-me a... a que sim.

— Que mais queres?

— Que tambem me aconselhes.

— O mesmo que o coração, já se sabe.

— Não, senhora, com franqueza, aquillo que pensares.

— E quem é o noivo?

— O Pedro do José das Dornas.

— Ah!... Por certo que é bom casamento. Comquanto pouco conheça ainda esse rapaz, ouço dizer que é honrado, trabalhador, e... de mais a mais está bem.

— Então, approvas?

— Se te fosse necessaria a minha approvação, dir-te-hia que estimo até muito que se faça esse casamento, e que sejas feliz.

Clara abraçou-a com effusão, e correu a dar parte ao reitor do resultado da entrevista.

Margarida ficou só.

O que acabára de ouvir da bôca da irmã, deixara-a pensativa. A idéa de que á vida de Clara em breve se ia associar a de uma pessoa estranha, não podia deixar de lhe fazer sentir graves preoccupações pelo destino d'ella e seu.

Era um problema proposto á solução do futuro, e Deus só sabia como o futuro o teria de resolver. Clara ia entrar na vida de familia; ia cêdo transformar em amor de esposa e de mãe todos aquelles thesouros de sentimento que, até então, a ella só confiára, a ella, a Margarida, á desvalida da sorte, á orphã e esquecida sempre, e talvez que, d'alli em diante, ainda mais esquecida e mais desamparada de affectos! Ao pensar n'isto, não podia evitar certa angustia de coração. Era mais uma affeição que lhe roubavam! Pois nem esta lhe pertencia? E depois, como seria considerada pelo marido de Clara? Humiliações, podéra-as supporta. de sua madrasta, mas receiava não ter já resignação bastante para as receber de mais ninguem.

E' certo que o bom nome de Pedro a tranquillisava; mas quantas decepções sobre os melhores caracteres humanos nos prepara uma intima convivencia com elles? quantos defeitos occultos, ignorados do mundo, a vida de familia faz evidentes, a ponto de tornar inevitaveis discordias, que aos olhos do vulgo nunca se justificam?

A corrente d'estes pensamentos tomou, porém, de uma maneira gradual, diverso curso. O nome da familia de Pedro não era desconhecido para Margarida.

Andava-lha associada a mais grata recordação da amargurada infancia da orphã. Quem em tão pequeno numero contava os corações que haviam sympathisado com o seu, que muito era se recordasse com saudade do pequeno estudante de latim que, de tão longe, vinha sentar-se ao pé d'ella e fallar-lhe com um affecto que até então desconhecera?

Desde que as apprehensões do reitor haviam occasionado a partida de Daniel, nunca mais Margarida lhe fallára. Via-o todos os annos, quando elle vinha passar as férias á aldeia, e não podia occultar a si propria a affectuosa attenção com que ainda então o observava.

Mas, pelos seus novos habitos de vida, Daniel distanciara-se d'aquella que conhecera em creança; nem d'ella talvez se lembrasse já. Margarida pensava agora no acaso, que os aproximava assim, e não podia, sem uma vaga inquietação de espirito, vêr, no futuro, a possibilidade de uma entrevista com elle.

Os caracteres concentrados, como o de Margarida, alimentam-se ordinariamente de uma idéa fixa... — quantas vezes de uma illusão? — que fórma o segredo inviolavel da sua existencia inteira. Abre-lhes ella as portas de um mundo imaginario, para onde se refugiam dos embates do mundo real, que impressionam dolorosamente a sua delicada sensibilidade. Quando os encontrarmos sós, estes melancolicos devaneiadores, acreditemos que lhes povôam a solidão fórmas invisiveis, creadas á poderosa evocação da sua phantasia; o silencio, em que os virmos cair, dissimula-lhes os mysteriosos dialogos na linguagem desconhecida e intraduzivel d'esse phantastico mundo. E' uma singular loucura procurar distrahil-os, chamando-os á consideração das coisas reaes. A mais doce consolação, a mais festiva alegria d'aquellas almas, é aquillo mesmo que se nos figura tristeza.

(Continúa).

HISTOGENO LLOPIS

Unico medicamento adoptado nos Dispensarios anti-tuberculosos, Sanatorios, Hospitaes da Misericordia de Lisboa, Porto e Clinicas particulares para a cura da TUBERCULOSE, Diabettes, Anemia, Neurasthenia e doenças consumptivas em geral, que, abandonadas no seu principio, dão origem á

TUBERCULOSE

O doente sente-se melhor com um frasco e curado tomando seis.

Precaver contra os productos similares **que na pratica teem demostrado se alteram, produzindo effeitos contrarios e prejudiciaes á saude.**

Peça-se sempre o Histogeno Llopis **Unico que cura Unico inalteravel**

Para a cura da DIABETES preparamos o *histogeno anti-diabetico*, **formula especial de resultados seguros na cura dos doentes submettidos a tratamento do** *Histogeno anti-diabetico.*

Formas do Histogeno Llopis **Histogeno liquido.—Histogeno granulado. Histogeno anti-diabetico.**

Preço do Histogeno Llopis **FRASCO GRANDE, 1$100 reis.—FRASCO PEQUENO, offerta GRATIS aos pobres do Dispensario anti-tuberculoso, Santa Casa da Misericordia e Hospital do Rego.**

Vende-se em todas as pharmacias e drogarias. Representantes geraes em Portugal: em Lisboa, *C. Mahona & Amaral, Limitada, rua d'El-Rei, 73-2.º*—No Porto: *Antonio Cerqueira da Motta & C.ª, rua de Mousinho da Silveira, 115.*

ARMAZENS da CAPELLA

A primeira casa das Carmelitas n.º 70

PORTO

Grande sortimento de casimiras para fatos,
Tecidos de lã algodão, linho e seda para vestidos, tapetes, malhas, confecções para senhoras, modas, pannos crus, morins etc., etc.

Vendas a preços baratissimos

FABRICA DE TELHA DE OVAR

Os preços da telha d'esta fabrica, actualmente, tanto na fabrica como no caes da Ribeira,
ou em wagon na estação do caminho de ferro de Ovar, são:

1.ª, 21$000; 2.ª, 16$000; 3.ª, 13$500 RÉIS

Isto sem desconto algum

FABRICA: LARGO do MARTYR

A sua resistencia eleva-se a mais de 100 kilos

Escolha feita a rigor

Proprietarios: **PEIXOTO, RIBEIRO & C.ª**

ESPINGARDAS DE CAÇA E TODOS OS APRESTOS

Esta antiga casa, tendo concluido as grandes obras que fez nos seus depositos e na sua loja, formando-os mais vastos e mais confortaveis, recebeu o seu importante sortido de armas de caça, de todos os systemas e dos melhores fabricantes, de fabrico exclusivo para a CASA LINO, de sorte que em nenhuma outra casa será possivel encontrar uma unica espingarda egual ás que esta casa vende.

Chegou tambem o sortimento de *cartuchos de caça* e para tiro aos pombos. Accessorios de caça e pesca

Prana «Sparkiets»
Vibrador «Varno»
Sorveteiras. etc., etc.

CASA LINO

40, Praça de D. Pedro, 41
PORTO

PAPEIS PARA FORRAR CASAS

Das principaes fabricas estrangeiras acaba de receber um variado e importante sortido o deposito da Fabrca de

Antonio Cardoso da Rocha

178, R. de Santo Antonio. 180-PORTO

N'este deposito ha tambem grande variedade em papeis nacionaes, em todos os generos e preços, imitações de vitraux, de couros, cartões para estuque, bonds, panneaux decorativos, etc., etc.

AZULEJOS

FABRICA DE LOUÇA DAS DEVEZAS

DE

José Ferreira Valente, Filhos

RUA D. LEONOR, 114 A 134

Villa Nova de Gaya—Devezas

Louça para uso domestico em faiança e pó de pedra.
Artigos de saneamento e decorativo.
Fabrico especial em azulejo fino a rivalisar com o melhor estrangeiro.

Não confundir com a fabrica ceramica do mesmo logar. Cuidado, pois.

Preços os mais convidativos

Endereço telegraphico: AZULEJOS — Telephone, 279

Estabelecimento de Mercearia e Deposito de Garrafões

DE MARQUES & ARAUJO

LIMITADA

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Rua de S. João, 44 e 45—Porto **Telephone, 616**

Uma visita á

PHOTOGRAPHIA CARVALHO

R. do Passeio Alegre, 27 29
ESPINHO

TODOS os trabalhos photographicos. Retratos em porcelana. Retratos coloridos a oleo, aguarella e pastel. Retratos em esmalte, semi-esmalte e marfim. Miniaturas a oleo para medalhas, o que ha de mais moderno e artistico. Effeitos de luz, novidade, etc., etc. Officina de mechanica, de cartonagem e photographia mod rna. Ampliações e reproducções de qualquer retrato. Transformação de vestidos e penteados **Preços sem competencia**

Vidraria S. Bento

DE

Manoel Alves Barbosa

Praça Almeida Garrett, 20
PORTO

Especialidade em crystaes, vidrarias differentes, porcelanas, candieiros, louças estrangeiras e nacionaes e uma infinidade d'artigos pertencentes a este ramo.

AGUA DO BARREIRO

Cura radicalmente
a ANEMIA, CHLOROSE, as DOENÇAS do ESTOMAGO
e MENSTRUAÇÕES DIFFICEIS

Deposito em Ovar:
Viuva de Silva Cerveira.

MOREIRA, GUIMARÃES & C.ª

37, Praça de Carlos Alberto, 38-A — Porto

Exposição de todas as novidades recebidas directamente de Paris, Londres, Berlim e Vienna

Especialidade em tecidos para campo e praia

ATELIER DE MODISTA

Enviam-se amostras na volta do correio

José Bernardo Carlos das Neves

224, Rua das Flores, 226 (Esquina do Souto) - **PORTO**
(CASA FUNDADA EM 1776)

Especialidade em CHA' e CAFE' de todas as qualidades e todos os preços. ASSUCAR de todas as qualidades, CHOCOLATE nacional e estrangeiro.

KROQUETTES de chocolate em caixinhas de phantasia.
MASSAS alimenticias.
CONSERVAS e muitos outros generos e artigos por preços rasoaveis.

CAFE' de FAMILIA especialidade d'esta casa 500 rs. o kilo

IMPORTAÇÃO DIRECTA
PUREZA das QUALIDADES

Forma de se ganhar com especialidade a singular

Indulgencia da Porciuncula

Concedida por Christo Senhor Nosso

E intercessão da Virgem Maria Sua Santissima Mãe ao serafico Patriarcha S. Francisco; e forma da visita para bem espiritual das almas com uma antifona e oração contra a peste
Preço, **50** reis. — Vende-se na typ. Fonseca e Filho, rua da Picaria, 74.

ALBERTO MILHEIRO

Cirurgião dentista

Prothese e operações dentarias

PASSEIO ALEGRE, 10-1.º
(Em frente ao coreto da Graciosa)
ESPINHO

FOSFIODOGLICINA De Lemos & Filhos

Maravilhoso medicamento para a cura das escrophulas, rachitismo, anemia, neurasthenia, etc. Ensaiado com grande exito em quasi todos os hospitaes do paiz, recommendado por centenas e attestados medicos de professores, especialistas, etc. Pelo aspecto, pelodsabor, e pelos magnificos resultados que produz, é superior ao oleo de fi gado de bacalhau, e seus derivados.

Milhares de curas. Especifico para as creanças fracas

DEPOSITOS GERAES

Porto — Pharmacia Lemos & Filhos. Praça de Carlos Alberto, 31.
Lisboa — Drogaria Pimentel & Quintans. Rua da Prata, 194

A' venda em todas as pharmacias e drogarias do reino
Preço conforme a quantidade

TYPOGRAPHIA DE JOSÉ F. DA FONSECA & FILHO

72—Rua da Picaria, 74—PORTO

N'esta typographia, que acaba d'obter um considerado melhoramento no seu machinismo e uma grande quantidade de phantasias, executam-se com esmero todos os trabalhos typographicos.

Preços modicos e brevidade nos trabalhos.

Especialidade em bilhetes de visita e em trabalhos de phantasia

REGENERADOR LIBERAL OVAR

ILL.mo SNR.

.....

.....

.....